

QUESTÕES E PROBLEMAS

ICONICIDADE E MUDANÇA EM LÍNGUAS DE SINAIS(1)

Maria Cecilia MOLLICA (UFRJ)

0. Princípio da heterogeneidade e universais lingüísticos

A incorporação das línguas de sinais à lingüística enquanto objeto de estudo modificou total ou parcialmente alguns princípios lingüísticos universais. Por exemplo, o universal segundo o qual todas as línguas são orais teve que ser corrigido, uma vez que há línguas de modalidade oral-auditiva e de modalidade visual-gestual.

Também é o caso do princípio da dupla articulação da linguagem, que fora proposto levando-se em conta unicamente a existência de línguas orais, e não se aplica como tal aos sistemas gestuais-visuais: os parâmetros 'ponto de articulação', 'configuração de mão' e 'movimento' (cf. Stokoe, 1960) das línguas de sinais não encontram paralelo perfeito com as línguas orais-auditivas, sob esse aspecto. No entanto, é possível falar-se em subsistemas semântico-pragmático, morfo-sintático e fonético-fonológico como constitutivos dos sistemas lingüísticos de sinais, respeitadas as diferenças próprias a cada tipo de sistema, ressaltando-se em especial o nível fonético-fonológico (cf. Bellugi & Fischer, 1972; Brito, 1990; Schlesinger, 1970).

Sabe-se que a revisão dos universais é tarefa permanente de investigação para a lingüística (cf. Conrie, 1981; Greenberg, 1961; Hockett, 1961). Ela se constrói à medida que se acumulam novos saberes e/ou corrigem-se princípios propostos inadequadamente, ou por causa de equívocos teóricos havidos ao longo da história da ciência, ou em função de ausência de descobertas cruciais que são responsáveis por modificações substantivas na formulação de leis mais gerais, de maior amplitude e aplicação portanto.

Mas há universais que não sofreram qualquer abalo quando da assimilação das línguas de sinais pela lingüística; ao contrário, foram

reafirmados. Aplica-se aí a questão do componente lingüístico inato, que preconiza uma pré-disposição genética à faculdade da linguagem a todos os indivíduos, surdos ou ouvintes. Com efeito, o processo de aquisição de linguagem, seja de um sistema de sinais, seja de um sistema de signos orais é tanto involuntário quanto inexorável (cf. Chomsky, 1978).

Igualmente é o caso do princípio do dinamismo das línguas. É fato inconteste que todas as línguas são heterogêneas, dinâmicas, sujeitas a variações e a mudanças. Aparentemente caótica, a heterogeneidade das línguas tem motivações de natureza intra e extra-sistêmicas e possui sistematicidade, vale dizer, organicidade imanente (cf. Weinreich & Herzog & Labov, 1968).

Os estudos sociolingüísticos, em línguas orais em especial, voltados para o binômio variação/mudança, vêm explicando os diferentes padrões de uso, acenando-lhes, senão para causas explicativas, ao menos para variáveis que os controlam. Sabe-se que existem motivações de natureza sócio-estilística e estrutural que se correlacionam ao emprego de construções lingüísticas alternantes: as variantes. Desta feita, torna-se possível apontar maiores ou menores chances de emprego a formas, que mantêm entre si equivalência semântica, evidenciando-lhes portanto a não aleatoriedade (cf. Mollica, 1992 a).

1. Mudança nas línguas de sinais

Os fenômenos variáveis oferecem interesse ao pesquisador na medida em que possam ser investigados preditivamente. Vale dizer, a perspectiva variacionista de análise pretende descobrir o porquê, o como e o caminho que formas variantes percorrem, nas línguas, de modo a responder a perguntas do seguinte tipo: (a) de que maneira e através de quem as inovações se introduzem e se instalam nos sistemas e passam a configurar quadro variável com outras formas? (b) que fatores são responsáveis pela contextualização da variação? (c) como se verifica a transmissão da variação? (d) as variações são estáveis ou acham-se em processo de mudança? (e) se há mudança, trata-se de retração da variante inovadora ou de avanço, com vistas ao predomínio de uma única forma em ambos os casos?

As línguas orais têm servido de matéria prima ao linguísta para a verificação dessas questões. As línguas de sinais do mesmo modo podem e devem tornar-se manancial para esse tipo de investigação, pois, enquanto sistemas lingüísticos naturais, parecem estar regulados por princípios similares aos encontrados nas línguas orais.

A guisa de comprovação², examinem-se alguns exemplos de fenômenos de mudança em LIBRAS (Língua de Sinais no Brasil). As figuras em 1a, 1b e 1c (cf. Anexo exemplificação) são alternativas de sinais para 'feriado' no atual estágio da língua. A forma em 1a, no entanto, tem seu uso restrito aos surdos de 40 anos em diante (segundo 4 falantes nativos), "perdendo" para as formas representadas em 1b e 1c. Os sinais em 1b e 1c hoje em dia são largamente adotados pelas comunidades surdas usuárias da LIBRAS, permanecendo ambas como opções estruturais em variação, sendo que 1c parece ser preferida pelos surdos jovens (20 e 30 anos). Situação semelhante está acontecendo com os sinais existentes para 'branco', observados em 2a, 2b e 2c: os surdos idosos preferem a forma 2a, e as variantes 2b e 2c predominam nas demais faixas etárias dos indivíduos que fazem uso da LIBRAS, circunscrevendo assim quadro variacional novo no sistema, com a forma 2a sendo paulatinamente extinta, provavelmente.

Pode-se inferir indiretamente, ainda que através da observação intuitiva de nativos da língua, que esses casos constituem exemplos de mudança em curso em LIBRAS. No entanto, permanece uma questão crucial quanto ao fenômeno de mudança lingüística: as variantes em análise são usos próprios a diferentes faixas etárias e, nesse caso, podem constituir variação geracional ou mudança sistêmica em curso?

Observem-se porém os casos em 3a e 3b. O sinal para 'preto' em 3a caiu completamente em desuso, num momento passado que ainda não se pode precisar, sendo substituído por 3b no atual estágio da LIBRAS (com significado restrito da cor preta para pessoas), havendo um outro sinal para 'preto' (com significado da cor preta para coisas). Eis aí um exemplo típico de processo de mudança que de fato operou na língua: as variantes deixaram de ocorrer simultaneamente, havendo a predominância de uma sobre a outra e com diferenças semânticas entre elas.

Esses exemplos, mesmo que insuficientes numericamente, são evidências inquestionáveis de que o binômio variação/mudança presentifica-se nos sistemas de sinais tal como nos sistemas de signos orais. Há, todavia, que se pesquisar muito, por meio de descrições extensivas e sistemáticas, para que se confirmem e/ou se desconfirmem os princípios até então postulados acerca da dinamicidade das línguas naturais, quer orais-auditivas quer gestuais-visuais. Cabe lembrar que esse trabalho deve ser feito por nativos das diferentes línguas, assim sendo, os surdos é que devem desenvolvê-lo no que se refere às línguas de sinais.

2. O ciclo vital dos sinais

Torna-se clara então a relevância de qualquer empreendimento de pesquisa em lingüística preocupado com a averiguação de aspectos relacionados à variação/mudança. Em função dos problemas mencionados e das discussões envolvidas, outros pontos também merecem ser igualmente salientados. Tomem-se os exemplos (em anexo), representações possíveis em LIBRAS para a cor 'azul'.

Quando introduzido originariamente, em um primeiro estágio, o significado de 'azul' era representado por 4a e 4b. No caso de 4a, o gesto apontamento para o olho em movimento cíclico é bastante icônico, pois se relaciona com a visão, chamando-lhe atenção para algo saliente. No caso de 4b, a representação se processa através da estratégia de soletração, mecanismo produtivo responsável pela entrada de itens novos na língua através de empréstimos (cf. Brito, 1991), não sendo ainda um sinal no sistema.

Tudo leva a crer que essas variantes 4a e 4b foram substituídas pela representação 4c, que constitui a forma atual do sinal em LIBRAS para o significado referido. Evidencia-se, nessa hipótese, nesse caso então, processo inequívoco de mudança (cf. Ryle & Woll, 1985), que nos leva a considerar os seguintes pontos: (a) duas variantes coexistiam no sistema num primeiro momento, sendo substituídas por outra num segundo momento da língua; (b) a variante atual deriva-se da variante introduzida na língua por soletração; (c) de 4b e 4c pode-se depreender o princípio da economia, universal a todas as línguas, que explico mais adiante.

Um último ponto a considerar a partir dos exemplos 4a, 4b e 4c é o grau de vulnerabilidade dos sinais quanto a possíveis mudanças que os sinais possam vir a sofrer. Assumo aqui a hipótese de que as categorias gramaticais são atingidas pelos câmbios em graus diferentes. Tal fato tem sido atestado em estudos sobre mudança numa perspectiva da difusão lexical e não me parece absurdo aplicar-se de alguma maneira às línguas de sinais. Postulo então que os nomes próprios são praticamente mantidos incólumes no que concerne à mudança, se comparados com outras categorias, o que se tem verificado consistentemente em línguas orais (cf. Mollica et alii, 1992 b e 1994).

Para tanto, há evidentemente algumas razões lingüístico-estruturais além das motivações não lingüísticas. O processo de nomear pessoas em particular em línguas de sinais implica a observação e a impressão tanto objetiva quanto subjetiva sobre o interlocutor por parte de um ou mais de um surdo. Assim, detalhes julgados mais caracterizadores de uma pessoa filtram-se, via de regra, através de um sinal com alto grau de iconicidade, que se fixa e se mantém inalterado, posteriormente, por questões de funcionalidade no sistema.

Exatamente isto acontece com os nomes próprios nos sistemas orais. O processo de nomear um indivíduo tem motivações várias, ainda não completamente descritas: uma vez criado, o item lexical permanece inalterado, não sendo atingido por processos de mudança fonético-fonológico ou de outra ordem, como o são os demais itens lexicais potencialmente afetados por inovações e/ou por processos de câmbios.

Essas reflexões conduzem a supor algumas hipóteses acerca do processo de introdução, implementação e mudança havidas ao longo do tempo nas línguas de sinais. É possível então assumir que os sinais são altamente icônicos no seu nascedouro, seja através da associação com o referente ao qual está remetido seu significado, seja através da língua oral que serve como âncora para a soletração.

Assim, em decorrência dos princípios comunicativo-funcionais (cf. Givón, 1979) a que os usos das línguas estão submetidos, os sinais evoluiriam no sentido de diminuir o tempo de processamento. Assim, perderiam então em tamanho no que concerne à espacialidade e/ou tempo de processamento (nível do significante) e, em alguns casos,

afastar-se-iam dos referenciais iniciais (nível do significado) a que se vinculam, passando conseqüentemente a ser mais arbitrários.

As hipóteses aqui aventadas tocam em questões universais da Ciência da Linguagem, dentre as quais uma diz respeito ao princípio da arbitrariedade das unidades lingüísticas. Desta forma, comprova-se que os sinais são tão arbitrários quanto os signos orais, do mesmo modo que estudos mais recentes sobre línguas orais vêm atestando a hipótese de que as estruturas gramaticais têm motivações icônicas, portanto não são tão arbitrários quanto pareciam ser quando concebidos inicialmente (cf. Givón, op. cit. & Felipe, 1991).

Depreendem-se portanto duas questões de alta relevância para o entendimento de línguas em geral. Uma é concernente à relativização dos princípios tais que arbitrariedade e iconicidade signica com conseqüências importantes para certos universais lingüísticos até então postulados. Já se pode ousar afirmar que ambas as modalidades gestual-visual e oral-auditiva de línguas comportam critérios mistos (icônico-arbitrários) no processo de constituição, fixação e mudança de suas unidades (cf. Brito, 1991).

Outra questão vincula-se aos movimentos cíclicos dos signos e dos sinais que, ao que tudo indica, processam-se similarmente ao ciclo vital da natureza: nascimento (introdução na língua), sobrevivência (implementação) e morte (desaparecimento). Os ciclos são propulsionados pela atuação de mecanismos funcionais gerais, que regulam o comportamento de um complexo de variáveis de natureza lexical estrutural, pragmática e extra-sistêmica. Sendo assim, uma rede de fatores gramaticais, interativo-funcionais, sociolingüísticas e psicolingüísticas são coadjuvantes no curso histórico-temporal das unidades lingüísticas, que ganham, perdem e se renovam continuamente.

(Recebido em 01/07/94 e Accito em 05/12/94)

NOTAS

- ¹ Este texto constitui versão revista e reduzida de palestra apresentada no Congresso Internacional sobre *Bilingüismo e Educação para Surdos*, organizado sob a presidência da Professora Doutora Lucinda Ferreira Brito e

realizado em novembro de 1993 sob os auspícios da UFRJ e outros órgãos de patrocínio. Ele foi apresentado e discutido no IX Encontro Nacional da ANPOLL, em junho, em Caxambu, como uma das atividades previstas pelo GT Linguagem e Surdez.

² Agradeço a Myrna Salermo, pelas informações valiosas no que concerne aos dados sobre os quais me baseei para fazer as reflexões aqui contidas. Sem essa ajuda e a dos surdos consultados, o presente trabalho torna-se-ia inviável e/ou invalidado. Agradeço também a Tadeu Pereira de Souza pela elaboração dos desenhos, representações dos sinais, que servem de apoio ilustrativo ao texto com vistas à facilitação e à compreensão das discussões aqui apresentadas.

Anexo: exemplificação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLUGI, U & S. FISCHER (1972). A comparison of sign language and spoken language. *Cognition*, 1, 173-200.
- BRITO, L. F. (1984) Similarities & differences in two Brazilian sign language. *Sign Language Studies* 42: 45-57.
- ____ (1990) Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Espaço Informativo Técnico-Científico do INES*, ano I, nº 1: 20-43 - jul/dez.
- ____ (1991) Convencionalidade e iconicidade em línguas de sinais. In: *Anais do I Encontro da ASSEL-RIO*.
- ____ Uma retrospectiva dos estudos sobre linguagem e surdez no Brasil. *D.E.L.T.A.*, PUC/SP, a sair.
- BRITO, L. F. & R. LANGEVIN (1990) Negação em língua dos sinais brasileiras. *Anais do IX Encontro Nacional de Linguística*. pp : 298 -307.
- CHOMSKY, N. (1978) *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra, 2ª ed.. Armênio Amado.
- COMRIE, B. (1981) *Language Universal*. England., B. Blackwell Publishes Limited.
- FARIA, C. V. de Souza (1989) Variação linguística em línguas de sinais dos Centros Urbanos Brasileiros. In: *V Encontro Nacional da ANPOLL*, PUC/São Paulo.
- FELIPE, T. (1991) Do discurso à gramática na LSCB: um estudo sobre os verbos. In: S. J. VOTRE (org.). *Funcionalismo em curso*. Rio de Janeiro, UFRJ/Departamento de Linguística, pp. 52-55.

- GIVON, T. (1979) *On Understanding Grammar*. New York, Academic Press.
- GREENBERG, J. (1961) (ed.) *Universals of Language*, New York, Mit Press.
- HOCKETT, Ch. F. (1961) The problems of universal in language. In: J. GREENBERG (ed.). *Universals of language*, New York, MIT Press.
- KYLE, J. G. & B. WOLL (1985) *Sign language the study of deaf people and their language*. Cambridge University Press.
- MOLLICA, M. C. (1992 a). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos, UFRJ.
- MOLLICA, M. C. et alli. (1992 b). Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista IN: *Revista de Estudos da Linguagem*, ano I, v. 1.
- _____ et alli (1994) Regularidade e Parâmetros em Difusão Lexical:. In: *Seminários do GEL*, vol. 1, São Paulo, pp. 195-201.
- SCHLESINGER, I. M. (1970) The grammar of sign language and the problems of language universal. IN: G. Morton (ed.). *Biological and social factors in psycholinguistics*, University of Illinois Press, Urbana, Chicago, London, 98-121
- STOKOE, W. C. (1960) Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics: occasional papers*.
- WEINREICH, V, M. HERZOG & W. LABOV (1968) Empirical foundations for a theory of language change. IN: W. P. LEHMANN & C. MAKIEL (org.). *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, pp. 95-195.